



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Iara Lorrany Alves Da Silva

**Do caso Donald à Neurodiversidade: apontamentos acerca do Transtorno do Espectro
Autista**

Brasília
2023

Iara Lorrany Alves da Silva

**Do caso Donald à Neurodiversidade: apontamentos acerca do Transtorno do Espectro
Autista**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para a banca examinadora da faculdade de educação, situada na universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro - FE/UNB, como requisito para a obtenção da licenciatura plena em Pedagogia.
Orientadora: Prof^ª: Dra^ª: Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Brasília
2023

AGRADECIMENTOS

A priori eu agradeço a Deus por me proporcionar forças para continuar lutando contra todos os problemas neurológicos e também sem sua ajuda não teria saído do interior para estudar numa metrópole.

A minha avó Ana que mesmo sendo analfabeta sempre me incentiva a continuar estudando e me aperfeiçoando cientificamente e interpessoalmente, também é um grande incentivo para cada dia eu continuar batalhando vigorosamente para que um dia ela possa me ver ser o que ela nunca teve a possibilidade de ter/ser.

Agradeço à tia Viviana e ao tio Wagner por me proporcionar abrigo e acolhimento e me ajudarem nas dificuldades quando foram necessárias. Também agradeço a minha Tia Marlene por estar tendo um grande papel na minha vida. Ademais, por ajudarem na minha permanência aqui, não me deixando desistir.

Ao meu amigo Thiago, por sempre estar disposto a me ouvir e a cuidar dos momentos onde tenho crises de ansiedade, por ter paciência e benevolência comigo.

Também dedico esses agradecimentos a mim, por mesmo estar com dificuldades pessoais e emocionais e não ter me deixado abater e continuar nessa jornada que se inicia na carreira docente.

A paciência e o encorajamento da minha orientadora Fátima Vidal. Ela foi essencial para essa jornada de escrita, uma peça crucial nesses agradecimentos e a quem sou profundamente grata por me incentivar e ter essa empatia com seus orientandos e estar sempre disposta a nos ajudar. Ela se mostrou além de uma ótima profissional, um ótimo ser humano e isso faz com que seu trabalho alcance algo mais profundo do que apenas uma escrita científica.

Não posso deixar de agradecer e homenagear uma pessoa que não está mais entre nós, José Luiz Villar, foi a primeira pessoa que me atendeu dentro da faculdade de educação, com seu carisma me ajudou a me encaixar dentro do curso, suas aulas eram momentos que jamais irei esquecer.

Agradeço a Universidade de Brasília, por me proporcionar um ensino de excelência de forma gratuita, também quero agradecer aos Professores Drº Saulo e Drº Sinara por aceitarem fazer parte da banca examinadora.

E, por fim, agradeço a todos que torceram e acreditaram em mim.

Todos os adultos um dia foram crianças, embora poucos se lembrem disso.

Antoine de Saint-Exupéry

Resumo

Este artigo ensaístico tem como tema a discussão do autismo, especialmente, o recorte histórico que considera o caso Donald à Neurodiversidade. O objetivo geral é investigar percepções históricas que apontam à compreensão do autismo, com recortes desde o caso Donald até a Neurodiversidade. Metodologicamente este trabalho foi um breve exercício de revisão de literatura. Este ensaio é dividido em duas partes, a primeira parte é o Memorial Educacional, onde minha jornada educacional será relatada e o que me motivou a escrever sobre o Transtorno do Espectro Autista. A segunda parte está dividida em duas breves discussões, sobre o conceito de Transtorno do Espectro Autista e uma breve passagem para a neurodiversidade, enfim minhas considerações finais.

Palavras-chave: Autismo, História, Neurodiversidade.

Abstract

This essay article has as its theme the discussion of autism, especially the historical clipping that considers the Donald case to Neurodiversity. The general objective is to investigate historical perceptions for the understanding of autism, with clippings from the Donald case to Neurodiversity. Methodologically this work was a brief literature review exercise. This essay is divided into two parts, the first part is the Educational Memorial, where my educational journey will be reported and what motivated me to write about the Austist Spectrum Disorder. The second part is divided into two brief discussions, on the concept of Autism Spectrum Disorder and a brief passage to neurodiversity, finally my final considerations.

Keywords: Autism, History, Neurodiversity.

Sumário

Parte 1

Apresentação	8
Memorial Educativo	10

Parte 2

Introdução	16
Capítulo 1: Diferentes períodos históricos	17
1.1 O autismo como patologia mental	17
1.2 Caso Donald	18
1.3 Mãe Geladeira	21
Capítulo 2: Contexto Atual	23
2.1 Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais	24
2.2 Neurodiversidade	25
Considerações Finais	27
Referências	28

Apresentação

Este Trabalho de Conclusão de Curso encerra a graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília. Ele está dividido em duas partes, a primeira é o memorial Educativo o qual narra minha história de vida pessoal e escolar, assim como elementos do momento presente, também é relatado minha entrada na perspectiva escolar inclusiva e na minha linha teórica pedagógica. Na segunda parte, apresento um artigo ensaístico que compartilha elementos históricos e uma breve discussão sobre o momento atual. A elaboração do artigo foi feita em tópicos históricos acerca do autismo e, ao final, as considerações finais.

Parte I - Memorial Educativo

Nasci e agora?

Dia 29/11/1999 às 23:45, lá estava eu abrindo meus olhos pela primeira vez. Você já se perguntou qual foi a primeira imagem vista em toda sua vida? Eu vivo me fazendo esse questionamento. A partir daquele momento eu teria que lutar todos os dias para crescer e me desenvolver, mal sabia que aquele mundo me aguardava cheio de coisas boas e ruins, o mundo me derrubaria e, ao mesmo tempo, abraçaria-me incontáveis vezes.

Que infâmia a minha de não me apresentar, não é mesmo? Meu nome é Iara Lorrany Alves da Silva, nasci em Goianésia - Goiás, fui criada pela minha avó materna, a quem chamo de mãe - Ana Alves da Silva. Desde o primeiro mês de nascida, minha mãe de sangue, Jovelina Alves da Silva, já falecida, não podia me criar por ser esquizofrênica. Além de mim ela teve mais duas filhas, minhas irmãs, Evânia, já falecida; e Estefânia que está viva e estudando para ser veterinária. Meu pai? Bom é que nem caviar, eu nunca vi, só ouço falar.

Eu não frequentei nenhuma creche, tinha contato com crianças só com os familiares e vizinhos, até que um dia uma amiga da minha mãe, Abadia, uma professora, foi lá em casa e me fez uma pergunta: Você quer ir à escola? Naquele momento ela me explicou o que seria uma escola, que eu iria aprender a ler, escrever e teria momentos para brincar também. Eu muito entusiasmada com o que ela tinha me dito, disse: _ Sim! Lá fui eu, com meus 4 anos completos, à “escolinha”, com muita ansiedade e euforia para conhecer coisas novas.

A minha professora Abadia era uma boa professora, lembro-me de um fato engraçado de teimosia minha dentro da escola na hora de alfabetização, como se fosse ontem, ela me dizendo que meu nome “Lorrany” era escrito com “Y” no final e eu teimando com a professora que a escrita deste nome era com a letra “E”, para que eu aceitasse o que a professora estava dizendo, ela teve que pedir minha mãe/avó trazer meu documento para que ela me mostrasse como estava a escrita ali e eu começasse a escrever o meu nome corretamente.

Saindo da alfabetização e adentrando o fundamental I, em meados do terceiro ano, eu tive alguns problemas referentes aos temas escolares, pois eu pegava muito rápido os assuntos e atividades que a professora colocava em pauta dentro da aula. Essa aprendizagem ágil fazia com que eu realizasse as tarefas muito rapidamente e começava a conversar e atrapalhar os demais colegas, muitas vezes eu era indagada por terminar minhas tarefas e depois ir fazer as tarefas dos meus coleguinhas, para podermos conversar ou até mesmo sair para o pátio, foi aí que descobrimos que eu tinha hiperatividade.

Ainda no terceiro ano do fundamental I foi a primeira vez que tive contato com uma criança com uma necessidade específica. Meu primeiro amiguinho, com quem tive contato com

o mundo da surdez. Tenho na minha família uma tia surda, porém, você como criança conhecer outra com uma especificidade é uma visão totalmente diferente, pois nós observamos que as outras crianças mesmo tentando uma aproximação é um pouco difícil pois não temos uma orientação para conversar com eles ou até mesmo um receio de não compreendê-los, lembrome que eu e esse menino, que não me recordo o nome, éramos muito colegas, eu fui a única que quis estar como par dele na festa junina da escola, ou seja, eu e ele faríamos par na quadrilha.

Em 2009 eu ganhei um violão de presente de aniversário, logo depois comecei a fazer um curso de violão. Minha professora Lucinha começou a trabalhar comigo minha timidez, eu era péssima para apresentações e quaisquer outras coisas que envolvesse estar na frente e em público, com muito esforço dela e de minha parte conseguimos contornar essa dificuldade, mesmo com minha ansiedade sendo algo peculiar, conseguimos fazer várias apresentações no centro cultural da cidade.

Entrando no fundamental II, quando estava no sétimo ano escolar, o governador do estado à época fez um programa chamado “Mais Aprender”, que ocorria no turno contrário das aulas convencionais, tendo aulas de esporte, música, computação e reforço escolar, porém não era obrigatório era algo que nós escrevemos para fazer a parte e não fazia parte do currículo escolar. Eu comecei a fazer Handebol e Música, aprendi a tocar teclado, triângulo, carron e outros instrumentos, porém depois de 8 meses de projeto ele foi sucateado e se perdeu. O prefeito da cidade resolveu implementar isso nos colégios estaduais, mediante as verbas da educação, com isso a escola desenvolveu uma banda e eu como membro antigo deste projeto fui selecionada para ser a vocalista principal da banda, com isso começamos a procura por novos integrantes, para a composição da banda e instrumentos. Ainda nesse ano eu decidi que minha profissão seria direito e que eu queria fazer meu curso superior em alguma universidade federal, portanto desde esse momento comecei a pensar nessa profissão e a estudar para alcançar esse objetivo, mesmo ainda não sabendo como alcançá-lo.

No meu último ano estando no fundamental 2, especificamente no nono ano escolar e um passo mais perto de chegar aos meus objetivos escolares, tive uma grande perda, meu amigo de infância que cresceu comigo, meu vizinho, com quem sempre estudei na mesma escola, morreu ao brincar de “Roleta Russa”, com uma arma de calibre 38 com um outro colega nosso. Ele desferindo um tiro no crânio, quando cheguei no portão de casa minha mãe/avó estava me aguardando do lado de fora para me informar esse ocorrido, ali meu mundo desabou, eu fiquei tão triste que não consegui nem ir ao velório dele, isso chocou tanto meu ano que eu acabei me retraindo com minhas amizades, pelo medo da perda.

Ao chegar no primeiro ano do ensino médio encontrei mais uma dificuldade ao não conseguir dentre todas as matérias a compreensão da tão temida matemática. Eu não tive nenhuma dificuldade em minha vida escolar e aquilo começou a me afetar de forma totalmente agressiva mentalmente, comecei a duvidar de minhas capacidades cognitivas e com aquilo tirei o meu primeiro 0 em matemática. Depois disso, minha auto confiança piorou ainda mais e comecei a não dar valor nas aulas de matemática, até que minha professora notou que estava notadamente diferente e que não demonstrava um. Ela começou a conversar comigo e me encorajar, dizendo que era capaz, que podia procurar ela para qualquer dúvida, que o semestre tinha acabado de começar e que eu tinha tempo para correr atrás desse prejuízo, assim com essa confiança nela, voltei a me empenhar e consegui me destacar e recuperar minha nota.

Ainda no primeiro ano, a minha professora de Geografia começou a fazer um questionário sobre o futuro, curso de nível superior, trabalhos e demais coisas relacionadas a planejamento e expectativas de vida. Com isso eu comentei que queria fazer um curso de direito em alguma universidade federal e ela começou a falar de programas seriados, foi lá que eu conheci o PAS da UNB e também o programa seriado da UEG/UFG, ela me explicou que diferente do Enem, esse programa se fazia 3 etapas uma em cada ano escolar do ensino médio, fazendo uma acumulação de pontos e sendo uma das entradas mais fáceis à universidade pública, por não ser algo tão conhecido e também por não ser uma “competição” com todos os estudantes de dentro e fora do país.

Meu segundo ano do ensino médio se iniciou ainda em Goianésia, tendo um ótimo ensino e projetos maravilhosos, lembro-me que com minha escola Laurentino Martins, naquele ano, ganhamos um prêmio por um projeto referente ao meio ambiente. Fizemos também uma limpeza em um espaço da cidade de onde tiramos lixo e objetos de reciclagem, nossa escola foi a ganhadora dentre as demais e com isso alguns alunos foram nos representar em Goiânia onde haveria um prêmio estadual. Porém, em 16 de novembro de 2016 eu estava saindo de Goianésia a caminho de Santa Maria em Brasília - DF, pois minha tia disse para que essa mudança ocorresse para que eu me ambientasse a cidade grande antes de entrar na universidade, portanto eu realizei meu 3º ano do ensino médio em Santa Maria, no colégio 417 onde o ensino era precário, os professores estavam saturados da sala de aula e com isso o desgaste de sala lotadas e adolescentes impossíveis não conseguiam realizar um bom trabalho, eu simplesmente detestei. Em 2017, eu também consegui entrar no CILG, onde iniciei meus estudos da língua francesa.

Último ano no ensino médio, ansiedade à flor da pele, último ano do PAS, Enem e as minhas convicções confusas, estudei desde sempre para Direito e simplesmente comecei a ficar confusa; provas feitas e aguardando os resultados.

Em 2018, resultados de todos os vestibulares e provas que fiz veem `a tona, passei para direito 100% na Uniceplac no Gama- DF, passei com 60% na Anhanguera e também passei pelo Enem na UnB, também para direito, entretanto no PAS essa nota não foi alcançada mas eu tinha colocado a segunda opção no PAS para Pedagogia e também passei. A decisão por um lado eu achei que já estaria tomada, mas mero engano meu, estava em goianésia e logo perto da casa de minha mãe/avó uma criança de 6 anos foi estuprada e aquilo pairou sobre minha mente: “Como seria defender um homem que fez esse tipo de crime?” e isso foi me atormentando e comecei a me desesperar, com muita dor por desistir do meu sonho, mas com alívio de não ter que passar sobre essa situação, então, decidi escolher Pedagogia.

Minha decisão estava tomada e eu iria começar meu primeiro semestre. Março de 2018, eu indo pela primeira vez no Campus Darcy Ribeiro, indo diretamente para a faculdade de educação, ansiosa e com receio de não gostar da área de ensino. Entretanto eu observei que sempre caminhei dentre a área de ensino.

Em uma aula com a professora Dr^a Simone Lisniowski eu comecei a entender o porque escolhi a área da educação, ali meu sonho de fazer mestrado e doutorado começou a soar em minha cabeça e eu comecei a analisar cada matéria que eu fazia como algo que eu me identificasse para seguir uma carreira na área da educação.

Primeiramente, eu fiz uma aula com a professora Dr^a Sinara Pollom da área de Educação Inclusiva, mais voltada na surdocegueira, onde eu comecei a pensar mais sobre a inclusão das crianças dentro da sala de aula e demais recursos para a aprendizagem. Entretanto, notei que me interessava mais pela parte da educação de surdos e comecei a procurar professores da área e encontrei a professora Dr^a Edeilce Buzar. Com ela fiz os projetos voltados para a área da surdez e também materiais complementares para a área. Entretanto, no meu primeiro estágio, em 2019, eu tive contato com duas crianças autistas, as meninas eram gêmeas idênticas, uma com autismo nível 1 e a outra nível 2, ali eu realmente me achei e comecei a procurar fontes de ensino e aprendizagem.

Logo após eu entrei em um estágio onde fui solicitada a estar como monitora de acompanhamento pedagógico com uma criança de 9 anos diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista; Ali eu realmente me senti desafiada, a mãe da criança me emprestou dois livros para que eu pudesse adentrar ainda mais no assunto e esse apoio dela me fez ficar ainda mais apaixonada pela área. Um dos livros aborda muito sobre as estereotipias e como é

necessário por meio delas eles “extravasar” a energia, para que se concentrem em algum assunto (que seja ou não algo de seu hiperfoco).

Com esse desejo de conhecimento pela área e com algumas fontes muito rasas sobre o processo de ensino da alfabetização eu comecei a fazer pesquisas por conta própria e decidi adentrar na área de educação inclusiva, voltada para crianças com autismo. Indicaram-me a Professora Dr^a Fátima Vidal, para que eu a procurasse para desenvolver meu TCC. Portanto me inscrevi numa disciplina cujo nome é Seminário da Educação Inclusiva, onde pude conhecer as metodologias de ensino da Professora Fátima, onde eu realmente confirmei meu interesse pela área e iniciei a construção deste trabalho.

Ademais, ainda permaneço no final do curso de graduação, tendo em vista que esse trabalho de conclusão de curso será feito antes de terminar todas as matérias obrigatórias.

Parte 2 - Artigo Ensaístico

Introdução

O autismo é um transtorno do desenvolvimento que afeta comunicação, interações e comportamentos sociais. Embora a causa exata do autismo ainda seja desconhecida, acredita-se que uma combinação de fatores genéticos e ambientais possam impactar a condição do transtorno do espectro autista. Os sintomas do autismo geralmente aparecem no início da vida e podem incluir dificuldades de comunicação, dificuldades na interação social, comportamentos repetitivos ou restritivos e interesses intensos e específicos. O diagnóstico de autismo é baseado na observação dos sintomas da criança e na história do desenvolvimento e geralmente é feito por uma equipe de profissionais da saúde como psiquiatras, psicólogos e terapeutas trabalhistas. O tratamento para o autismo geralmente envolve uma combinação de terapias e, em alguns casos, medicamentos. Embora o autismo ainda seja um transtorno complexo e desafiador, muitos progressos foram feitos na compreensão e no tratamento do distúrbio e muitas pessoas com autismo podem levar uma vida feliz e produtiva.

Existem diferentes níveis de suporte para o autismo. O transtorno pode afetar cada pessoa de maneira diferente. Algumas pessoas com autismo têm dificuldades significativas em áreas como comunicação e interação social, enquanto outras podem ter interesses intensos e específicos em áreas como música, matemática ou ciências, os hiperfocos. Embora o autismo possa ser desafiador para as pessoas que convivem com ele e suas famílias, existem muitos recursos e apoios disponíveis para ajudar as pessoas com autismo a viverem com mais qualidade de vida. Além disso, muitas organizações e grupos de autistas trabalham para aumentar a conscientização sobre o transtorno e promover a inclusão e aceitação de pessoas com autismo na sociedade.

As pesquisas sobre autismo continuam avançando, com muitas descobertas importantes feitas nas últimas décadas. Por exemplo, agora sabemos que o autismo apresenta fatores genéticos e ambientais, os quais impactam o desenvolvimento das pessoas autistas. Além disso, muitos tratamentos e terapias inovadores foram desenvolvidos para ajudar as pessoas com autismo a se comunicar, interagir socialmente e lidar com comportamentos repetitivos ou restritivos. No entanto, muitos desafios permanecem e mais pesquisas são necessárias para entender completamente o autismo e desenvolver novos tratamentos.

Como se constituiu historicamente a compreensão do autismo desde Kanner à Neurodiversidade? Devidamente vinculado a esta pergunta o meu objetivo geral é investigar percepções históricas que apontam à compreensão do autismo, com recortes desde o caso Donald até a Neurodiversidade.

Metodologicamente esse trabalho foi um exercício de revisão de literatura.

Este artigo ensaístico está dividido em duas breves discussões: uma sobre o conceito do Transtorno do Espectro Autista e Caso donald e uma breve passagem do Manual de diagnóstico de Saúde Mental à neurodiversidade. Por fim, minhas considerações finais.

Capítulo 1 - Diferentes períodos históricos

Embora a causa exata do autismo ainda seja desconhecida, acredita-se que uma combinação de fatores genéticos e ambientais possa desempenhar um papel no desenvolvimento do transtorno. Os sintomas do autismo geralmente aparecem nos primeiros anos de vida e podem incluir dificuldades de comunicação, dificuldades de interação social, comportamentos repetitivos ou restritivos e interesses intensos e específicos. O diagnóstico do autismo é feito com base na observação dos sintomas e no histórico de desenvolvimento da criança, e geralmente envolve uma equipe de profissionais de saúde, como psiquiatras, psicólogos e terapeutas ocupacionais. O tratamento do autismo geralmente envolve uma combinação de terapia comportamental e de fala, bem como medicamentos em alguns casos. Embora o autismo ainda seja um transtorno complexo e desafiador, muitos avanços foram feitos em nossa compreensão e tratamento do transtorno, e muitas pessoas com autismo são capazes de levar vidas felizes e produtivas. A seguir destacamos alguns momentos históricos importantes para compreensão do processo de compreensão do conceito de transtorno do espectro autista.

1.1. O autismo como patologia mental

O início da discussão sobre as patologias mentais advém do século XIX, entretanto, o nome dado para esse diagnóstico foi idiotia, trazido por Esquirol, antes de 1920. Compreendese que autores/pesquisadores não acreditam que as crianças precisam ser diagnosticadas como loucas, entretanto elas foram observadas com questões específicas que as deixavam restritas a diversas atividades cotidianas limitantes (BIALER, 2021). À época, iniciou-se os estudos sobre as especificidades mentais, não se tinha conteúdo suficiente para diagnósticos precisos, portanto, mesmo com uma base sólida, alguns dos variados pensadores ainda não tinham o suficiente para dizer sobre qualquer patologia encontrada naquela época, onde variadas patologias foram tratadas da mesma forma ou de maneira errônea.

Kanner foi o primeiro a trazer o Autismo para uma narrativa clínica. Antes, o autismo era associado à loucura e até mesmo à esquizofrenia. Kanner trouxe evidências que esse quadro era totalmente distinto desses outros quadros mentais, de início o autismo, como ainda não tinha sua denominação, foi enquadrado no Transtorno do Desenvolvimento Global como uma “Loucura”, ou até mesmo com o nome de “Idiotia”, como citado anteriormente por Bialer (2021). Kanner trouxe uma definição para esse quadro clínico como disfunção neurobiológica que era enquadrado nas estereotípias (BARROSO, 2021).

Com as evidências de Kanner, começou-se um novo olhar para os indivíduos que tinham a patologia autista, saindo de uma "loucura" para uma disfunção neurobiológica. Com isso temos em ponto que a psicanálise não intervém ou avança no conhecimento sobre o autismo de forma limitada, as articulações usadas para desmembrar a complexidade do assunto é uma intervenção conjunta, tendo em vista que o autismo aparece associado a outras patologias (VILANI, 2018). O caso mais famoso é o primeiro caso de Donald Triplett, paciente de Kanner.

1.2 Caso Donald

Tendo em vista que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma questão singular no desenvolvimento, algo que foi descrito primeiramente pelo médico Leo Kanner em 1943, o mesmo estudou 11 casos que apresentavam especificidades que os limitavam afetivamente. A expressão "transtorno afetivo autista" se refere aos sintomas dessas crianças, o psiquiatra chegou a dizer que crianças autistas nascem assim, já que o surgimento da síndrome é muito precoce. Depois de entrar em contato com os pais dessas crianças, ele mudou de ideia. Ele começou a observar que os pais dessas crianças desenvolvem uma relação emocional muito fria com elas, cunhando assim o termo "mãe geladeira" para se referir à mãe de crianças autistas que a sustentam com uma relação fria e distante com seus filhos. (SILVA, 2009). Essa tese foi contestada e até hoje não é aceita pelos estudiosos do autismo.

Analisando a experiência realizada em 1935 com cinco bebês canadenses, sendo as cinco irmãs e as mesmas tendo sido retiradas de seu lar para ser cuidadas por médicos e enfermeiras, sendo questionados os métodos dos cuidados dos pais por serem pessoas certamente humildes e sem grandes recursos financeiros pelos mesmos serem agricultores, as crianças foram levadas para um local longe de sua família, com a afirmação de que teriam melhores recursos como água encanada, eletricidade e uma boa criação científica, entretanto como é mencionado elas estavam sendo objeto de visitas turísticas, tendo em média cerca de 6 mil visitas diariamente naquele ano. As quintuplas eram retiradas três vezes por dia para serem

levadas a uma sala onde as mesmas não viam nada apenas ouviam ruídos, o governo conseguiu arrecadar grande dinheiro entorno das irmãs, tendo em vista que naquele momento elas eram uma raridade genética por serem exatamente iguais, mas não apenas o governo conseguiu arrecadar grandes lucros com as crianças, mais tarde seus pais entraram com uma ação judicial que rendeu bastante lucro, tendo relatado que os mesmos foram vistos andando de cadillac. (DONVAN e ZUCKER, 2017).

Entretanto, mesmo essa história que ocorreu com essas irmãs fosse algo de análise, o que surpreendeu foi que as crianças eram de extrema importância para um menino chamado Donald, que morava em Mississippi, sendo apenas oito meses mais velho que as meninas, ele era capaz de falar os nomes das quintuplas corretamente. O mais curioso é que para ele os nomes das meninas se tornavam cores. Trazendo uma analogia sobre seus potes de tintas, que mesmos seus cascos sendo iguais o conteúdo dentro dos mesmos era totalmente diferente, com isso ele observava que mesmo as quintuplas sendo univitelinas idênticas elas tinham algo que as fazem ser diferentes uma das outras, com isso essa observação que ele fazia era que de fato prendia a sua atenção. Porém não era apenas sobre as irmãs que sua visão era peculiar, com os números ele também tinha observações distintas como responder uma questão matemática quando tinha 7 anos dizendo "Vou desenhar um hexágono", que mesmo que aquilo tivesse sentido não era de forma clara que ele se expressava em sua comunicação, o mesmo mostrava pouco interesse nos habitantes do mundo, conforme é mencionado pelos autores Donvan e Zucker (2017). Para os pais de Donald essa especificidade de mostrar interesse pelo que estava acontecendo ao seu redor era o que eles mais tinham dificuldade de aceitar, deram como exemplo a visita do papai Noel onde o garoto nem se importou com sua presença. Havia momentos onde o mesmo se tornava bastante agressivo quando suas atividades eram interrompidas, quando seus brinquedos eram retirados dos seus lugares, mudança de móveis e suas rotinas de andarem fora de casa eram quebradas. (DONVAN e ZUCKER, 2017).

Em 1938 Mary e Beamon foram pedir ajuda a Kanner para seu filho que demonstrava comportamentos atípicos para uma criança daquela respectiva idade, Kanner portanto foi analisar e conhecer o caso para tentar compreender as indagações e preocupações dos pais. Com essa atitude dos pais, nós obtivemos o primeiro caso comprovado de uma criança neuro diversa com Autismo. Esse caso foi o precursor para pesquisa, Donald se tornou referência histórica importante para o estudo sobre o Espectro Autista. (DONVAN e ZUCKER, 2017).

Beamon fez uma carta descrevendo seu filho, Donald era uma criança que não demonstrava alegria, o pai o descreve como "Concha" tendo em vista que a criança só ficava imersa dentro de si sem nenhuma reação externa aparente, Donald também não atendia aos

chamados, entretanto algumas atividades eles notavam que a criança ficava pensando sobre demasiadamente, mostrando que o mesmo se obtia alguma inteligência ali, também dói descrito que ele só demonstrava felicidade a partir de si mesmo, quando estava em alguns determinados momentos, não necessitava de algo ou alguém para o mesmo ficar feliz, as laudas descritas pelo pai deram 33 páginas de relatos, que foram enviadas ao Kanner. (DONVAN e ZUCKER, 2017, pág 39). Donald combinava talentos e déficits, sua personalidade e traços comportamentais eram questionados como se o mesmo tivesse “Loucura”, pois ainda naquele momento não existia a terminologia do Autismo. (DONVAN e ZUCKER, 2017).

O Espectro Autista é um conjunto de especificidades que afetam o comportamento do indivíduo, sendo eles a inabilidade de relação social, resposta a estímulos externos, também pode ser observado peculiaridades em vínculos afetivos e aos padrões de comunicação verbal e não verbal. A psicanálise começa seus estudos sobre essa patologia para desmistificar e procurar soluções para algumas especificidades encontradas sobre os casos de indivíduos diagnosticados com esse espectro mental. (VILANI, 2018)

A visão de que pessoas que tinham dificuldades sócio afetivas, como reprodução de contato visual, toques, distúrbios na fala, agitação frequente ou forma de apatia demasiada foi extenso e longo, como entendemos neste presente momento é que foi de forma conturbada e se obteve ações complexas e errôneas durante toda a história. (VILANI, 2018)

Freud viu que essa forma de pensar e analisar as coisas ajudavam seus pacientes, com isso ele viu que pensar sobre si mesmo era de grande ajuda também para outras pessoas, entretanto esse modo de pensar sobre si foi conduzido de forma peculiar, pensando sobre seus sonhos, desejos, lembranças e com isso começou a relacionar esses pensamentos de forma que os mesmos se interligam. (OLIVEIRA, 2000)

Com isso, entendemos que Freud utiliza a psicanálise para conexão de ideias para se obter um resultado ativo sobre qualquer ação humana tomada pós pensamento, como demonstra o artigo de OLIVEIRA (2000), salientando que também aprendemos sobre nós mesmos através da escuta e reflexão sobre a vida de outrem, tendo em vista que o mesmo se compreendeu através de seu trabalho com outros indivíduos.

A história do Autismo com Kanner, um psiquiatra e iniciador da descrição do autismo e apresentação da terminologia, que mais adiante, levaria ao atual Transtorno do Espectro Autista, teve em vista que o mesmo caracteriza essa psicopatologia como complicações comportamentais e características pessoais e interpessoais.

Observa-se que as habilidades de socialização são desenvolvidas e aprendidas durante a vida conforme o indivíduo se insere na sociedade por meio das interações entre crianças e adultos, entretanto os indivíduos que são autistas têm especificidades que os limitam ao contato e interação, com isso, Segundo LAZZARINI (2022), as interações entre crianças com outras crianças e com adultos deve haver uma estruturação sistemática analisando as necessidades dos indivíduos e criando estratégias para que essas habilidades sejam reconhecidas, aprendidas e aplicadas, dando a elas as ferramentas necessárias para que os mesmos as usem sozinhos.

As abordagens que foram descritas por Kanner sobre o Autismo e que foram aceitas pela comunidade científica, falavam sobre a existência de distorção de modelo familiar, causando interferências no desenvolvimento afetivo da criança advindos de um caráter intelectual dos pais, não falando que o mesmo seria de algum fator genético ou biológico.

Sendo esses precursores sobre suas abordagens que até o momento algumas delas ainda são motivos de controvérsias (TAMANAHARA; PERISSINOTO e CHIARI, 2008).

O estudo que foi embasado em três casos, (Laurie, Márcia e Joy), visando que o autismo seria uma patologia de ordem afetiva, em que a criança, não se sentindo e acolhida pelas pessoas que convivia com ela, pais, avós, parentes em geral, optaria por habitar uma “fortaleza vazia” tendo em vista que as vezes notou-se as mesmas se esvaindo do "mundo real" e a entregar-se a um estado de não existência, por sua mente migrar para um outro lugar. Nas palavras do autor: “Ao longo deste livro mantenho minha convicção de que, em autismo infantil, o agente precipitador é o desejo de um dos pais de que o filho não existisse” Bettelheim, 1987. (LOPES, 2008).

1.3 Mãe Geladeira

Em 1966 Steven foi diagnosticado com autismo, sua mãe Rita recebeu essa notícia pelo Psiquiatra Drº Taft, seu filho foi diagnosticado com algo raro para época, que para o médico naqueles tempos era algo "grave", por não se obter tanto conhecimento sobre esse assunto, as pesquisas sobre o autismo ainda estavam escassas. Para aquela mãe esse diagnóstico foi avassalador, tendo ela acabado em prantos e se sentindo culpada. Quando a família Tepper recebeu esse diagnóstico já tinham se passado 23 anos sobre o relatório Donald, escrito por Kanner, entretanto ainda era pouco conhecido, entretanto o veredito de diagnóstico era de que as crianças desenvolveram o autismo pela fragilidade da função materna. Essa concepção iniciou-se em 1940, quando a própria Rita era criança. (DONVAN e ZUCKER, 2017).

Steven foi inscrito em um programa para ser tratado, entretanto sua mãe Rita também teve que adentrar ao programa para que recebesse tratamento, pois naquela época, a mãe também fazia parte do problema que estava acarretando na vida da criança. As mães que estavam nesse programa eram acompanhadas por uma equipe de assistência social. Os acompanhamentos eram realizados de forma individual e também em grupo, onde as mães falavam sobre o início da descoberta e eram assistidas pela assistente para que cada uma pudesse relatar sua história de modo que tentassem recuperar na memória algum fato que pudesse ter sido um trauma para o bebê, para que o mesmo adquirisse o Autismo. (DONVAN e ZUCKER, 2017)

Rita, na vez de contar sua história ao grupo, mencionou que Steven teve que ficar no hospital após o parto, e ela teve que ir visitá-lo, sendo estressante para ela. Obteve algumas dificuldades também quando o bebê chegou em casa, tendo dificuldades em ser acariciado, na alimentação, dificuldades para dormir (a mãe também enfrentou dificuldades para dormir), e a medida que Rita foi relatando sua história com seu filho a assistente começou a olhar de forma nociva, e lhe fez uma pergunta, se a mesma teria ficado decepcionada com a aparência de seu filho, e a mesma afirmou, e elas chegaram a conclusão que Alison não pegará Autismo pois a mesma foi acariciada desde o início, contrário de Steven que sofreu diversos fatores para não ser acolhido da mesma forma. (DONVAN e ZUCKER, 2017, pág 87)

Acredita-se que culpabilização das mães tenha sido ratificada por Bruno Bettelheim, quando o mesmo publicou seu livro "Fortaleza Vazia", sendo um dos pioneiros a instaurar essa falácia sobre o autismo que se perpetuou por longos tempos, analisamos esse acontecimento com Rita e Steven, que observamos esses equívocos ao enfatizar a causa do autismo com o laço de conflito entre mãe e filho. A mãe teve uma posição devastadora na vida de seus filhos, segundo os psiquiatras da época, os meios acadêmicos, sociais e até mesmo os leigos estavam a par desse acontecimento, um termo errôneo "Mãe Geladeira" foi empregado, devastando mulheres a cada diagnóstico infantil. (CALZAVARA, 2019)

A história começa quando Ruth decidiu começar a ler alguns livros sobre o assunto o qual a culpavam tanto, ela era uma mãe que não era "chorona". Ela começou a recrutar mães para conversar em casa sobre os acontecimentos diários sem ser em uma sala clínica, Ruth teve esse despertar quando viu seu filho Joe montar um Puzzle de Ponta cabeça. E iniciou com ele jogos com mais peças e viu que o mesmo estava conseguindo realizar. Assim que ela analisou os livros acerca do assunto, ela estava furiosa pois várias mães assim como elas foram massacradas, julgadas como más mães, frias, que não davam afeto. Com isso ela começou uma luta para desmistificar essa falácia e começou a juntar pessoas civis e outros importantes para

entrar na causa iniciando uma revolução nesse aspecto, Portanto Ruth assim como Rita foram grandes precursoras para os movimentos das mães para garantirem os direitos de seus filhos e também para trazerem um olhar sobre essa falácia de mães geladeiras, que foi trago de forma equivocada e trazendo malefícios para essas mães. (DONVAN e ZUCKER, 2017)

Concluindo o caso Donald e mães geladeiras é que a discriminação ainda é uma realidade em muitas partes do mundo, e que é importante que as pessoas trabalhem juntas para combater esse problema. O caso destaca a importância de se ter políticas e leis que protejam os direitos das minorias e combatam a discriminação, bem como a necessidade de educação e conscientização para ajudar a mudar as atitudes das pessoas. Além disso, o caso destaca a importância do papel da mídia na moldagem das percepções públicas e na luta contra a discriminação. Destaca-se a importância de se ter lideranças políticas e empresariais comprometidas com a promoção da igualdade e da justiça social. O caso mostra que a mudança pode ser difícil, mas é possível quando as pessoas se unem e lutam por seus direitos

Além disso, o caso enfatiza a importância de se ter uma imprensa livre e independente, que possa denunciar a discriminação e o preconceito onde quer que ocorram. Finalmente, o caso destaca a importância de se ter uma educação que promova a diversidade e o respeito pelas diferenças, para que as pessoas possam viver em uma sociedade mais justa e igualitária. Por fim, o caso destaca a importância de se ter uma sociedade que valoriza a diversidade e a inclusão, para que todas as pessoas possam viver livres de discriminação e preconceito.

Capítulo 2 - Contexto Atual

O DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) é um manual utilizado por profissionais de saúde mental para diagnosticar e classificar transtornos mentais. Embora o DSM seja uma ferramenta importante para ajudar a entender e tratar transtornos mentais, ele também tem sido criticado por algumas pessoas que argumentam que ele pode ser usado para rotular e estigmatizar pessoas que são neurodivergentes. A neurodiversidade é um movimento que defende a ideia de que a diversidade neurológica é uma parte natural da variação humana e que as pessoas que são neurodivergentes devem ser valorizadas e respeitadas por suas diferenças. A neurodiversidade reconhece que as pessoas que são neurodivergentes podem ter habilidades e perspectivas únicas que podem ser valiosas para a sociedade e que a inclusão e a aceitação são importantes para garantir que todas as pessoas possam viver livres de discriminação e preconceito.

2.1. Os manuais de diagnóstico

O DSM foi criado em 1952 pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) como uma forma de padronizar o diagnóstico de transtornos mentais nos Estados Unidos. Desde então, o DSM passou por várias revisões e atualizações, refletindo os avanços no conhecimento científico sobre transtornos mentais e suas causas. A última edição do DSM, a quinta, foi publicada em 2013 e revisada mais recentemente.

O DSM é uma ferramenta de uso muito importante para profissionais da área da saúde, pois o mesmo fornece critérios claros para o diagnóstico dos transtornos mentais. Ele também ajuda a padronizar o diagnóstico e a comunicação entre os profissionais de saúde psíquica. No entanto, o DSM tem sido criticado por algumas pessoas por sua abordagem excessivamente medicalizada e por sua falta de atenção às diferenças culturais e sociais na experiência dos transtornos mentais. Alguns argumentam que a ênfase no diagnóstico pode levar a uma medicalização excessiva de problemas que poderiam ser tratados com outras abordagens, como terapia ou aconselhamento. Além disso, a classificação de transtornos mentais pode mudar ao longo do tempo, o que pode levar a mudanças no diagnóstico e tratamento do indivíduo.

Além da APA, outras organizações também publicam manuais de diagnóstico de transtornos mentais. Por exemplo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publica a Classificação Internacional de Doenças (CID), que inclui transtornos mentais. No entanto, o CID tem uma abordagem mais ampla e inclui outras condições médicas além de transtornos mentais. Além disso, cada país pode ter sua própria classificação de transtornos mentais, que pode ser diferente do DSM ou do CID.

Além dos manuais de diagnóstico, existem muitos outros recursos disponíveis para ajudar a entender e tratar transtornos mentais. Por exemplo, muitas organizações de saúde mental oferecem informações e recursos online, como guias de autoajuda, fóruns de discussão e linhas de apoio. Além disso, muitos profissionais de saúde mental, como psicólogos e psiquiatras, oferecem terapia e tratamento para transtornos mentais. Se você está lutando com questões de saúde mental, é importante procurar ajuda de um profissional qualificado.

2.2. A neurodiversidade

O termo "neurodiversidade" foi criado na década de 1990 por pessoas Autistas que buscavam uma maneira de desafiar a "patologização da diferença neurológica". Desde então, o conceito de neurodiversidade tem sido ampliado para incluir outras condições neurológicas, como o TDAH, a dislexia e a síndrome de Tourette. O termo Neurodiversidade foi iniciado por Asperger em 1999, para ela esse termo só se tornou possível pelo feminismo e a luta das mães para questionar o termo empregado a elas e a falácia das mães geladeiras, a luta das mães e o uso da internet para propagar as ideias e sua autodefesa e também para que os movimentos políticos em defesa da identidade autista tenham existido. O significado da palavra é além de qualquer deficiência ou espectro, ela também se trata de diferenças seja ela, sexual, psíquica racial e várias outras. (ORTEGA, 2009) Neurodiversidade é o conceito que reconhece a diversidade humana em relação ao funcionamento cerebral e à forma como as pessoas pensam e aprendem.

A neurodiversidade reconhece que as pessoas têm diferentes formas de pensar e aprender, e que essas diferenças não devem ser consideradas como uma doença ou deficiência, mas sim como uma variação natural da diversidade humana. O conceito tem sido usado para promover a inclusão e a aceitação de todas as pessoas, independentemente das neurodivergências. O movimento tem como objetivo reconhecer e valorizar as habilidades e perspectivas únicas das pessoas, bem como promover a igualdade de oportunidades e a inclusão social, além disso, a neurodiversidade também pode ser vista como uma fonte de criatividade e inovação, uma vez que as pessoas neurodivergentes podem oferecer perspectivas e soluções diferentes para problemas complexos. (GARCIA, 2019)

A neurodiversidade é um conceito relativamente novo, que tem ganhado cada vez mais atenção e importância na sociedade atual. No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para pessoas neurodivergentes, especialmente em áreas como educação, emprego e saúde mental. (GARCIA, 2019)

A conscientização e a compreensão da neurodiversidade são fundamentais para promover a inclusão e a aceitação de todas as pessoas, independentemente de suas diferenças neurológicas. O modelo médico tradicional tende a ver as diferenças neurológicas como uma patologia a ser tratada ou curada, enquanto o modelo da neurodiversidade reconhece que essas diferenças são uma parte natural da diversidade humana. Isso pode levar a uma abordagem mais centrada na pessoa e menos estigmatizante para o tratamento e a gestão de condições neurológicas, entendendo a inclusão e a aceitação de pessoas que não se enquadram nos padrões

sociais convencionais, como pessoas LGBTQIA +. Muitas vezes, essas pessoas são marginalizadas e discriminadas devido às suas diferenças, mas a neurodiversidade pode ajudar a promover a aceitação e a valorização da diversidade em todas as suas formas. (GARCIA, 2019)

A neurodiversidade reconhece que a diversidade neurológica é uma parte natural da variação humana e que as pessoas com condições neurológicas podem ter habilidades e perspectivas únicas que podem ser valiosas para a sociedade. No entanto, a perspectiva da neurodiversidade também é alvo de críticas, com alguns argumentando que ela pode minimizar o sofrimento e a opressão que as pessoas com condições neurológicas enfrentam.

A perspectiva da neurodiversidade tem sido cada vez mais adotada por grupos de defesa dos direitos das pessoas com condições neurológicas, bem como por profissionais de saúde mental e educadores. A perspectiva da neurodiversidade pode ter implicações importantes para a maneira como as condições neurológicas são tratadas e compreendidas pela sociedade. Por exemplo, em vez de se concentrar em "curar" ou "normalizar" as pessoas com condições neurológicas, a perspectiva da neurodiversidade pode enfatizar a importância de criar ambientes inclusivos e acessíveis que permitam que todas as pessoas possam viver suas vidas plenamente. No entanto, a perspectiva da neurodiversidade não é universalmente aceita e ainda há muito debate e discussão em torno do conceito. (GARCIA, 2019)

A perspectiva da neurodiversidade também pode ter implicações para a maneira como as condições neurológicas são tratadas em ambientes educacionais e de trabalho. Em vez de se concentrar em "corrigir" as diferenças neurológicas das pessoas, a perspectiva da neurodiversidade pode enfatizar a importância de criar ambientes que permitam que todas as pessoas possam aprender e trabalhar de maneira eficaz. Isso pode incluir acomodações para pessoas com condições neurológicas, como salas silenciosas para pessoas com Autismo ou tempo extra em testes para pessoas com TDAH. A perspectiva da neurodiversidade também pode enfatizar a importância de valorizar as habilidades e perspectivas únicas que as pessoas com condições neurológicas podem trazer para diferentes áreas da vida, incluindo a arte, a ciência e a tecnologia. (GARCIA, 2019)

A perspectiva da neurodiversidade pode ter implicações importantes para a maneira como as pessoas com condições neurológicas são tratadas. Por exemplo, muitas pessoas com condições neurológicas, como autismo ou TDAH, podem ter dificuldades com habilidades sociais e de comunicação que podem levar a mal-entendidos com a polícia ou outros profissionais de justiça criminal. Entretanto, atualmente, a perspectiva da neurodiversidade pode enfatizar a importância de treinar profissionais para entender melhor as diferenças

neurológicas e como elas podem afetar o comportamento das pessoas. A perspectiva da neurodiversidade também pode enfatizar a importância de fornecer acomodações para pessoas com condições neurológicas, como salas silenciosas ou terapeutas especializados em saúde mental. No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito para garantir que as pessoas com condições neurológicas sejam tratadas com justiça e equidade. (GARCIA, 2019)

Considerações Finais

A tese da mãe geladeira, que sugeria que a falta de afeto materno poderia levar a problemas psicológicos e psiquiátricos em crianças, foi amplamente criticada e não é mais considerada uma explicação válida para a maioria dos transtornos mentais. A psicanálise evoluiu muito desde os tempos em que essa teoria foi cunhada. Ainda assim, é importante lembrar que cada pessoa é única e pode ter experiências diferentes que afetam sua saúde mental, e que a psicanálise continua sendo uma abordagem valiosa para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas emocionais e psicológicos.

Em resumo, a teoria da mãe geladeira é uma explicação ultrapassada e simplista para problemas psicológicos e psiquiátricos. Além disso, é importante reconhecer a neurodiversidade e a variedade de maneiras pelas quais as pessoas pensam e experimentam o mundo e trabalhar para criar uma sociedade mais inclusiva e acessível para todos.

Referências

Associação Americana de Psiquiatria. (2014). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (5ª ed., texto traduzido). Artmed.

Barroso, Suzana Faleiro. "O AUTISMO PARA A PSICANÁLISE: DA CONCEPÇÃO CLÁSSICA À CONTEMPORÂNEA." *Psicologia Em Revista* 25.3 (2020): 1231-247. Web.

BIALER, M.; VOLTOLINI, RINALDO. AUTISMO: HISTÓRIA DE UM QUADRO E O QUADRO DE UMA HISTÓRIA. *Psicologia em Estudo*, v. 27, 13 dez. 2021.

CALZAVARA, Maria Gláucia Pires; FERREIRA, Monique Aparecida Vale. A função materna e seu lugar na constituição subjetiva da criança. *Estilos clin.*, São Paulo , v. 24, n. 3, p. 432-444, dez. 2019 .

DA ROSA VILANI, M.; PORT, I. F. Neurociências e psicanálise: dialogando sobre o autismo. *Estilos da Clinica*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 130-151, 2018.

DONVAN, Jhon

Outra sintonia: a história do autismo / Jhon Dovan e Caren Zucker; tradução Luiz A. de Araujo. - 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Evêncio, Kátia Maria De Moura, and George Pimentel Fernandes. "História Do Autismo: Compreensões Iniciais / The History of Autism: Initial Understandings." *ID on Line. Revista De Psicologia* 13.47 (2019): 133-38. Web.

FUNDAÇÃO JOSÉ LUIZ EGYDIO SETÚBAL; Marcos Históricos do Autismo. *Autismo e Realidade 2020*. Desenvolvido por: Collabs / Barracuda conteúdos, São Paulo, SP 2020.

GARCIA, Ana. O que é neurodiversidade? *Revista Scientific American*, v. 320, n. 4, p. 54-61, 2019.

LAZZARINI, Fernanda Squassoni e ELIAS, Nassim Chamel. *História Social™ e Autismo: uma Revisão de Literatura*. *Revista Brasileira de Educação Especial* [online]. 2022, v. 28.

LOPES, Bruna Alves. *Autismo, Narrativas Maternas e Ativismo dos Anos 1970 a 2008*[1]. *Revista Brasileira de Educação Especial* [online]. 2020, v. 26, n. 3.

Tamanaha, Ana Carina, Perissinoto, Jacy e Chiari, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia [online]. 2008, v. 13, n. 3.

OLIVEIRA, LUIZ EDUARDO PRADO DE. JEREMIAS, criança, luta contra o autismo, a esquizofrenia e a paranóia. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]. 2000, v. 3, n. 3 .

Ortega, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2009, v. 14, n. 1.